REVISTA EXITUS
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

10.24065/re.v16i1.2978
ARTIGO

BIOGRAFIA DE MARIA JOSÉ ALBUQUERQUE DA SILVA: militância e formação docente

BIOGRAPHY OF MARIA JOSÉ ALBUQUERQUE DA SILVA: activism and teaching training

BIOGRAFÍA DE MARIA JOSÉ ALBUQUERQUE DA SILVA: militancia y formación docente

Aurinete Nogueira Alves[1] 0000-0003-0457-2674
Dória Karenina Castro de Almeida[2] 0009-0000-3447-2821
Lia Machado Fiuza Fialho[3] 0000-0003-0393-9892

[1] Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação - Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60714-903, e-mail: aurinete.nogueira@aluno.uece.br
[2] Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação - Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60714-903, e-mail: doria.karenina@aluno.uece.br
[3] Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação - Fortaleza, Ceará, Brasil, CEP 60714-903, e-mail: lia.fialho@uece.br

RESUMO

O estudo desvela-se por tratar da biografia de professoras atuantes no Ceará por meio da biografia de uma educadora. Objetivou explanar, por meio da trajetória biográfica da professora Maria José Albuquerque da Silva, sua militância docente sob a perspectiva da luta de classes. Teoricamente sustentado na História Cultural e metodologicamente amparado na História Oral por meio do tipo de estudo biográfico hermenêutico, realizado a partir de entrevista livre entrecruzada com fontes documentais. Atestou-se que a trajetória de vida da biografada foi marcada por determinação e crença em seus propósitos. Quanto ao seu percurso acadêmico e profissional na docência do ensino superior, atuou na direção da valorização à educação e no incentivo à luta de classes em prol de uma educação emancipadora.
Palavras-chave: biografia de mulheres; militância docente; formação docente.

ABSTRACT

This study explores the biographies of female teachers working in Ceará through the biography of one educator. Through the biographical trajectory of Professor Maria José Albuquerque da Silva, it aims to explain her teaching activism from the perspective of class struggle. Theoretically grounded in Cultural History and methodologically supported by Oral History, the study uses a hermeneutic biographical study, conducted through open interviews intertwined with documentary sources. It was demonstrated that the subject's life trajectory was marked by determination and belief in her purpose. Her academic and professional career in

higher education teaching contributed to the valorization of education and the encouragement of class struggle for an emancipatory education.
Keywords: women's biography; teaching activism; teacher education.

RESUMEN

Se revela que el estudio trata de la biografía de los profesores que actúan en Ceará a través de la biografía de un educador. Su objetivo era explicar, a través de la trayectoria biográfica de la profesora Maria José Albuquerque da Silva, su militancia docente desde la perspectiva de la lucha de clases. Apoyado teóricamente en la Historia Cultural y metodológicamente apoyado en la Historia Oral a través del tipo de estudio biográfico hermenéutico, realizado a partir de entrevistas libres cruzadas con fuentes documentales. Se atestiguó que la trayectoria vital de la biógrafa estuvo marcada por la determinación y la creencia en sus propósitos. En cuanto a su trayectoria académica y profesional en la enseñanza de la educación superior, actuó en la dirección de valorar la educación y fomentar la lucha de clases a favor de una educación emancipadora.
Palabras clave: biografía de mujeres; enseñar militância; formación del professorado.

INTRODUÇÃO

> "Eu não posso esquecer de onde eu vim, porque se eu esquecer de onde eu vim hoje, como professora universitária numa instituição federal, com a condição de vida muito melhor, porque a educação ajudou a resgatar minha dignidade, se eu esquecesse de onde eu vim, muito provavelmente eu não saberia hoje para onde eu quero ir, quem eu sou e para onde eu quero ir".
>
> (Silva, 2025).

A epígrafe introduz a relevância da trajetória de Maria José Albuquerque da Silva, doravante Maria Albuquerque, natural do Acre, docente da Universidade Federal do Ceará (UFC) desde 2012, instituição na qual também concluiu o mestrado e o doutorado em Educação, a biografada evidencia, em sua formação e atuação, a influência de sua origem. Suas experiências marcadas por condições precárias no cotidiano constituíram-se como elementos fundamentais para o enfrentamento de desafios e para o fortalecimento de sua identidade enquanto educadora universitária.

O artigo vai traçar a trajetória pessoal, acadêmica e profissional de Maria Albuquerque, cuja infância foi assinalada pela extrema pobreza no estado do Acre e desde cedo precisou lutar pelos seus sonhos. Enfrentou no seio da sua família, as privações vivenciadas, como a carência alimentar dentre outras privações, que despertaram nela a consciência da necessidade de romper com o ciclo de dificuldades e buscar novas oportunidades. Ao deixar sua cidade natal, enfrentou situações de subemprego até alcançar a pós-graduação, conquistar a aprovação em concurso público e, assim, contribuir para o sustento de seus familiares.

Ao longo da sua vida, seu compromisso político entrecruza suas escolhas pessoais e profissionais. Esse diferencial a ajudou a galgar cargos importantes que fizeram parte de seu crescimento e a definir suas prioridades. Militava em prol de uma educação anti-hegemônica, emancipatória e atrelada à categoria coletiva do magistério. Como professora universitária, dissemina os conceitos e a prática da Pedagogia Histórico Crítica[1] (PHC), idealizada por Dermeval Saviani como referencial para a sua atuação enquanto professora universitária, o que faz despertar ainda mais a sua consciência de classe e seu papel enquanto mulher negra que cresceu na periferia.

A relevância desse escopo permite dimensionar a história de mulheres por meio de seus registros e trajetória, em evidência, na área da educação, no sentido de tornar suas vozes reconhecidas dando a "[...] importância que têm e que sistematicamente foi escamoteada. É colocá-las em seus lugares, e por ação e por direito, mas é também um processo de (auto)formação, principalmente para nós, que temos como exercício diário o campo educacional" (Nunes, 2023, p. 9).

Como caminho metodológico, teoricamente sustentado na História Cultural e, metodologicamente amparado na História Oral, por meio do tipo de estudo biográfico hermenêutico. Logo, questiona-se como Maria Albuquerque tornou-se professora universitária militante na luta docente?

Importa esclarecer que a biografia de Maria Albuquerque será explorada neste artigo de forma acronológica, discorrendo sobre sua trajetória incluindo os aspectos familiar, pessoal, profissional e social. Para tanto, objetivou explanar, por meio da trajetória biográfica da professora Maria José Albuquerque da Silva, sua militância docente sob a perspectiva da luta de classes.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma concepção teórica da História Cultural, pois foi apenas a partir da terceira geração dos Annales que a biografia passou a ser reconhecida como instrumento legítimo de investigação histórica, capaz de articular indivíduo e coletividade. Esse novo olhar permitiu situar o sujeito no tempo e no espaço, iluminando as

[1] Teoria educacional de base crítica, ancorada no materialismo histórico. Defende uma formação que transcende a preparação para o mercado de trabalho, orientando-se à constituição de sujeitos históricos e culturais. Seu propósito central é possibilitar a transformação da realidade social (Gomes; Almeida, 2024).

particularidades de sua trajetória. Assim, a vida individual passou a ser compreendida em sua indissociável relação com o contexto socio-histórico e cultural (Fialho; Sousa; Nascimento, 2020).

Importa mencionar que a História Cultural "[...] é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de "cultura" (da mesma maneira que a História Política é o campo atravessado pela noção de "poder" [...]" (Barros, 2005, p. 01) e que se manifesta na História, "[...] na contramão da mera descrição de fatos, que se possibilita reflexão e explicação da realidade desde o entendimento de que não há uma narrativa inconteste ou uma história única e verdadeira [...]" (Fialho; Díaz; Freire, 2021, p. 273), torna-se possível elaborar a biografia de Maria Albuquerque, evidenciando sua condição de educadora.

Ao elegermos para a construção dessa pesquisa o estudo de caráter biográfico hermenêutico, adotamos um método centrado na investigação de relatos de vida, considerando que "[...] a identidade biográfica não é mais considerada como petrificada no modo de uma estátua, mas sempre entregue a mutações. Ela não pode ser reduzida à simples transcrição das impressões digitais" (Dosse, 2022, p. 3). Essa interpelação valoriza a subjetividade biográfica e orienta a análise de fenômenos sociais e históricos.

A metodologia da História Oral, ao recorrer as fontes orais como narrativas, biografias, entrevistas, trata-se de um processo investigativo, "[...] um procedimento que acontece no tempo real da apreensão e que para tanto necessita de personagens vivos colocados em situação de diálogo" (Meihy; Holanda, 2023, p. 14). Nessa seara, foi possível realizar a coleta das fontes orais, por meio de uma entrevista livre, gravada, transcrita e transcriada, entrecruzada com fontes documentais legais e institucionais para delinear o desenho narrativo da professora Maria Albuquerque.

Entre diversas memórias dispostas no relato da biografada, consideramos pertinente, nesse enlaço educativo, explicitar que *"[...] justamente agora, eu tenho como meta até julho, concluir o memorial da minha trajetória de vida [...] Essa memória já está sendo revisitada"*. (Silva, 2025). Nesse âmbito, a memória enquanto constituinte de relatos vividos, configura-se numa tessitura em que "O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal" (Reis, 2006, p. 25).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado em 28 de maio de 2025, na ocasião, foi realizada a leitura e as implicações no processo para que fosse possível a concessão da entrevista que teve uma duração de 1h33min9s, sendo realizada na

Faculdade de Educação (Faced-UFC). Na ocasião, a professora demonstrou contentamento em ter a sua trajetória de vida biografada, respeitou os procedimentos e o tipo de entrevista que lhe fora sugerida participando das etapas com seriedade. Mostrou-se à vontade durante mesmo quando relatava aspectos mais densos da sua trajetória de vida familiar, procurava explanar com detalhes, citando datas e nomes para enriquecer seu depoimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A professora doutora Maria Albuquerque, formada na Universidade Federal do Acre (1992), iniciou sua trajetória docente em 2006. Após a conclusão do doutorado (2005) pela UFC, foi aprovada em concurso público para a Universidade Federal do Piauí (UFPI), atuando no campus de Parnaíba durante cinco anos. Nesse período, conciliou as demandas profissionais com a maternidade de dois filhos pequenos e a distância geográfica do companheiro, residente em Fortaleza, o que fragilizou sua rede de apoio. As constantes viagens entre as duas cidades culminaram em um quadro de exaustão que resultou em depressão severa.

Após abrir um processo alegando o seu estado de saúde, conseguiu liberação provisória para trabalhar no Ceará e, depois de cinco anos, foi possível ficar definitivamente em Fortaleza assumindo a vaga na UFC (2012) de uma professora que iria se aposentar. Conseguindo fazer essa permuta de forma definitiva, possibilitando ficar junto do companheiro e dos seus filhos. A sua postura diante dessa situação revela a resiliência e firmeza que a guiaram em diversas fases da sua vida.

Passou a lecionar disciplinas relacionadas à educação, direitos humanos, didática e estágio supervisionado, demonstrando preocupação com o processo formativo dos estudantes. Essa inquietação insere-se na perspectiva de que a formação docente constitui eixo estruturante das investigações da professora Maria José, aspecto reforçado em sua trajetória doutoral quando acompanhou os encontros mensais realizados pela rede municipal de Fortaleza.

Essa experiência revelou a imbricação das concepções profissionais no processo formativo e, de maneira crítica, evidenciou que “[...] *o empresariado nacional tem tomado de conta desse segmento formativo na rede”* (Silva, 2025). Essa reflexão, também presente em seu memorial acadêmico, encontra ressonância na análise das políticas públicas educacionais, nas quais se observa que “[...] forças hegemônicas têm reduzido a educação a um insumo

econômico ou a uma estratégia disciplinadora doutrinária. Esses são os resultados das ações dos ultraliberais e dos ultrarreacionários, respectivamente" (Cara, 2019, p. 27).

A trajetória da professora Maria Albuquerque insere-se em um contexto de formação e militância docente orientado pela perspectiva da luta de classes. Sob esse prisma, suas experiências em sala de aula são rememoradas como práticas de resistência frente às imposições dos segmentos hegemônicos e empresariais. Sob esse prisma, a biografada registra que investigou no pós-doutorado, a formação docente da rede municipal de Fortaleza identificando um distanciamento entre a instituição de ensino e a UFC no processo formativo do professor, concebendo que,

> **Silva***: Nós, educadores, temos que assumir o compromisso de ajudar os nossos alunos a aprender a pensar por si próprio, porque quem não pensa por si próprio vai ser pensado pelos outros. Então desenvolver um pensamento autônomo, um pensamento crítico-reflexivo e, acima de tudo, uma formação humana*.

Partindo dessa premissa, Maria Albuquerque inquieta-se com a formação docente da PMF, pois *"[...] o empresariado nacional tem tomado de conta desse segmento formativo na rede [...] E ele não se dá sem conflitos, sem aquele olhar da professora de preocupação com a própria formação"* (Silva, 2025), por isso, a inquietação acerca da dissintonia entre as demandas impostas pelo empresariado e os anseios dos professores diante dos desafios do cotidiano escolar. Para ela, a formação docente não se deve restringir a *"[...] uma pedagogia das competências que se preocupa só em formar o docente para o mercado, para eles ganharem dinheiro à custa disso"* (Silva, 2025). Pelo contrário, a educação deve ser concebida como um processo de emancipação dos filhos da classe trabalhadora e não como instrumento de dominação empresarial.

A inquietação mensurada nessa tessitura, constitui-se no sentido de compreender que *"A educação se revela como um instrumento poderoso de transformação. Quando se entra no automático como docente, provavelmente as aulas vão, com o tempo, se tornar bastante desinteressantes, sem um significado mais profundo"* (Silva, 2025), nesse sentido é primordial "[...] resistir e reafirmar a luta pelo direito à educação pública, de qualidade e laica é tarefa histórica do conjunto da classe (Mariano, 2019, p. 179).

O relato expresso pela biografada enfatiza uma concepção crítica sobre a atuação professor que se desdobra na adoção do conceito de categoria coletiva do magistério como elemento central em proveito da luta de classes e da militância política docente. Por

conseguinte, a própria professora explica que *"[...] eu não trabalho por amor. Trabalho por compromisso político com a classe que eu pertenço. Eu tenho muita consciência desse pertencimento de classe, de quem eu sou, de onde eu vim [...]"* (Silva, 2025).

Essa concepção crítica da docência, compreende o magistério como categoria coletiva vinculada a militância docente, reafirmando que trabalho do professor deve ser interpretado como compromisso consciente com sua classe social a que pertence e conforme assinala (Silva, 2025) *"Eu acho uma hipocrisia quando algum governante reivindica que os professores trabalhem por amor. Eu acho isso uma ofensa moral para a categoria, para o nosso coletivo do magistério".*

Esse postulado é reforçado no seu discurso,

> **Silva***: Eu nasci mulher, numa sociedade misógina e patriarcal, machista, nasci negra, numa sociedade racista e preconceituosa, e nasci na extrema pobreza, numa sociedade dividida em classes sociais, marcada por antagonismos inconciliáveis, dentro da sociedade que se assentou cada vez mais à desigualdade social, que se reflete em outros setores da nossa vida, do ponto de vista político, cultural, ideológico. Então, é desse lugar que eu olho para o mundo, é desse lugar que eu realizo meu trabalho.*

Ademais, a professora permite analisar os antagonismos estruturais presentes na organização político-ideológica, cultural e econômica da sociedade, revelando como as desigualdades moldam perspectivas e práticas, de modo que a atuação docente se constrói a partir do local social de origem, articulando reflexão sobre a própria prática e uma leitura de mundo orientada por dimensões educativas, políticas e coletivas. Afirma Gomes (2005, p. 41) "[...] a identidade humana não se limita à cultura; envolve também os níveis sócio-político e histórico de cada sociedade. Assim, uma visão da identidade em termos mais amplos e genéricos é autorizada".

Dado o exposto, vale acentuar que no final do século XIX e começo do século XX, o ingresso das mulheres no magistério de crianças ocorreu, em grande medida, como resposta a uma demanda social deixada em aberto pelo afastamento progressivo dos homens dessa profissão, logo "[...] foi assumido, em sua maioria, por professoras leigas, devido à representação da figura da mulher estar associada com o cuidado, com a maternidade e o lugar do ensino como extensão do lar" (Fialho; Freire, 2018, p. 350). Como afirma Silva (2025) *"[...] as mulheres seriam o perfil mais adequado para suprir essa demanda pela característica da maternidade. Então associa-se o magistério à característica do cuidado*".

> [...] configurou-se bastante adequado ao papel da mulher como regeneradora da sociedade e salvadora da pátria e tornou-se aceitável em termos sociais, familiares e pessoais que ela trabalhasse como professora [...] (Almeida, 1998, p. 33).

O magistério consolidou-se historicamente como uma extensão do papel materno, reforçando a lógica de gênero que naturaliza o cuidado como uma prerrogativa feminina. Ainda que o cuidado deva ser compreendido como princípio transversal a todas as profissões, no campo docente ele é reivindicado pelas mulheres, que enfrentam uma dupla desvalorização, tanto simbólica quanto material.

Com o despertar da consciência feminina acerca dos problemas estruturais da profissão, a mulher deixa de ser apresentada apenas como vítima do poder masculino e eterna oprimida por uma sociedade fálica e patriarcal e passa a ser reconhecida também como sujeito capaz de resistir às imposições sociais e mobiliza estratégias de enfrentamento à opressão (Almeida, 1998).

A professora Maria Albuquerque tem sua trajetória arraigada ao movimento estudantil vivenciado na graduação em Pedagogia, quando participou de eventos promovidos pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e aproximou-se da militância de esquerda do Partido do Trabalhadores (PT). Nesse período, foi influenciada pelas disciplinas de filosofia, sociologia e história da educação, além das leituras do movimento político de esquerda *"[...] comecei a fazer leituras de Karl Marx, Friedrich Engels, Lenin, para tentar entender a minha própria ação como aluna [...] como uma menina pobre que veio do interior"* (Silva, 2025).

A partir do pensamento marxiano, a professora compreendeu "[...] que a pobreza não tem nada a ver com "*[...] as determinações divinas. A pobreza é fruto das relações sociais entre os homens, em conflito permanente [...] com o interesse de classes antagônicos" (Silva, 2025).* Essas leituras possibilitaram-lhe afirmar-se como jovem, mulher e filha da classe trabalhadora, além de desenvolver, na UFC, referências teóricas que ampliaram sua compreensão sobre a opressão humana. Logo,

> **Silva***: [...] não se dá apenas em termos de classe social, como o marxismo preconiza, mas a opressão humana se dá também em termos de gênero, em termos de etnia, de raça, de nacionalidade. Então, a opressão humana não se dá só na esfera econômica, ela se dá também na esfera cultural, na esfera política, na esfera ideológica.*

Numa perspectiva não linear das narrativas de Maria Albuquerque iremos nas seções a seguir tratar das suas vivências pessoais e familiar. Por entender que essa educadora de

trabalho relevante no ensino superior foi formada por experiências diversas desde a sua infância e que a constituíram no seu fazer no momento presente.

Educação: instrumento de transformação e poder

> *Eu estava ainda confinada numa miséria absoluta, sem condições de me mexer, e mesmo assim, eu continuei fazendo as coisas passo a passo, com persistência, com firmeza, porque eu sabia que eu queria aquilo, então eu enfrentei todas as atividades [...]* (Silva, 2025).

Iniciamos esta seção retratando um contexto de vulnerabilidade social vivenciado pela biografada que resolve com força e determinação não ficar parada diante da situação que a desafiava. Acreditou no seu caminhar e foi "fazendo as coisas passo a passo". Buscava motivação mesmo nas situações que geravam desesperança. Segundo Fanon (2020 p. 27) "O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro". Maria Albuquerque resolveu seguir e construir seu futuro ignorando a dura realidade do seu cotidiano, somado à falta de perspectivas na cidade onde vivia.

Sua mãe, Naid Albuquerque era uma mulher indígena que nasceu na floresta do Acre. Trabalhou como lavadeira, empregada doméstica e no seringal. Seu pai era cearense, foi para o Acre trabalhar como seringueiro, conhecidos como "os soldados da borracha"[2]. Segundo a biografada, "foi tentar ficar rico e ganhar a vida, e se confinou no meio da floresta sem nunca ter tido a condição de voltar" (Silva, 2025). Sintetiza o que designa como a sua origem: *"Então essa é a minha origem, é de onde eu venho, de uma mãe indígena e de uma avó indígena [...] e uma avó paterna negra escravizada no interior do Ceará, Quixeramobim."* (Silva, 2025). A cidade natal de Maria Albuquerque, Tarauacá era um município do interior do Acre, sua economia era centrada na agricultura e pecuária. A maior parte da população era de indígenas e ribeirinhos, na década de 1970 estava em formação impulsionada pela exploração do seringal.

Sua mãe, mesmo grávida de Maria Albuquerque, sofria com as agressões e atitudes violentas do seu marido, José Paulino. *"Quando a minha mãe paria com três dias tinha que ir para a floresta cortar a seringa com ele. Se ela não fosse, ele batia e jogava café quente*

[2] Durante a segunda Guerra Mundial quase 55 mil pessoas, em geral homens do Nordeste, foram enviados para extrair látex nas seringueiras e abastecer a indústria da guerra dos países aliados (Diego, 2016).

nela" (Silva, 2025). Após anos nessa convivência abusiva, conseguiu afastar-se dele com a desculpa de levar os filhos para estudar na cidade. Diante disso, a biografada não chegou a conhecê-lo e sua mãe passou sozinha, a ficar com a responsabilidade dos oito filhos do casal. A biografada relata:

> **Silva**: *Eu nasci numa rua de lama, é tanto que o nome é Aninga*[3] *[...] uma rua cheia de casebres velhos, palafitas velhas, e quando eu saí da minha rua, eu me lembro como se fosse a primeira vez [...], eu fui caminhando e cheguei na escola, eu achei aquele espaço fenomenal, eu me encantei com a escola (Silva, 2025).*

Relembra: "[..] *até que um dia finalmente eu consegui ir para a escola porque como eu era muito desnutrida, eu não tinha condição de ir, eu vivia desmaiando, era muito fraca, não tinha o que comer* [...]" Silva (2025). Relata que ela e os irmãos alimentavam-se com farinha, água, sal ou açúcar e quando a mãe podia, comprava meia dúzia de ovos que não era o bastante para alimentar os oito filhos. Embora na década de 1970, época da infância da biografada, houvessem por parte do governo alguns programas para suprir a carência nutricional da classe trabalhadora como o Programa de Nutrição e Saúde (PNS) e o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT) estes, não atingiam toda a população das cidades mais carentes e distantes dos grandes centros.

O acesso à cidade de Tarauacá era apenas por via aérea ou fluvial, o que pode ter sido um empecilho para que essas famílias pudessem ser assistidas a fim de que superassem a insegurança alimentar. É fato que o combate à fome ainda continua sendo um dilema na contemporaneidade, pois inúmeras famílias continuam sem ter esse direito assegurado.

Na fala anterior, fica evidenciado esse primeiro encontro com a escola, Maria Albuquerque a elege como um lugar de encantamento, a escola para ela, tinha vários aspectos positivos*, "[...] na escola eu tinha conhecimento, merenda escolar, ganhava presente e ainda fazia amigos"* Silva (2025). Relembra que no contraturno costumava ir para a casa das amigas ajudá-las nas atividades e, assim, poderia almoçar e merendar. *"Então pra mim a escola só remete a lembranças boas. [...] a escola pra mim é um lugar de vida, é um lugar de realização, de sonhos"* (Silva, 2025).

Começou a estudar na primeira série com sete anos de idade na Escola de 1º Grau João Ribeiro, lembra que no primeiro dia de aula a professora prometeu um presente a quem fosse

[3] É uma planta herbácea de grande porte, da família das Araceae, comum em áreas alagadas da Amazônia, como margens de rios, igapós e mangues.

a melhor aluna. Determinada a ganhar, esforçou-se para aprender a ler e a escrever e para a sua surpresa, foi eleita a melhor aluna e ganhou o direito de escolher o prêmio, preferindo um corte de tecido para fazer um vestido. *"Eu me sentia uma bonequinha preta, me senti linda, porque foi o primeiro vestido que ganhei"* (Silva, 2025). Segundo ela, sua única vestimenta era o uniforme da escola e, por esse motivo, não escolheu um brinquedo, como seria esperado para uma criança da sua idade.

"Tudo que a professora fazia eu acompanhava, não tive dificuldade de me alfabetizar [...] fui alfabetizada no método sintético. [...] Escrevia a letra A 50, 100 vezes numa página" (Silva, 2025). O método sintético era amplamente utilizado na década de 1970, período em que iniciou na escola. O método alfabético, fônico e silábico compunha o conjunto dos métodos sintéticos de alfabetização que era caracterizado com uma metodologia onde a criança decodificava e memorizava as letras para, a partir da combinação desses signos, formar palavras. "Privilegiavam a leitura, limitando a escrita à cópia ou ao ditado; a escrita real, autêntica, isto é, a produção de textos, era considerada como posterior ao domínio da leitura" (Soares, 2018, p. 25).

A utilização de cartilhas para treinar a leitura e a escrita por meio de exercícios repetitivos que privilegiavam a repetição e a memorização era comumente utilizada pelos professores nas salas de alfabetização nesse período. A autora acima defende que as metodologias até então utilizadas surgiram da utilização de silabários e abecedários e, mais recentemente, dos livros didáticos do que dos fundamentos psicológicos e linguísticos da língua (Soares, 2018).

A mesma autora pondera que a partir de 1960, o fracasso escolar na alfabetização passa a exercer pressão sobre os estudiosos e pesquisadores que buscavam propostas para solucionar a questão. Dez anos depois, outras áreas vieram somar à pedagogia como a psicologia, e as ciências linguísticas e, mais recentemente, a neurociência vem-se voltando para o processo de aprendizagem da língua escrita.

Em meados de 1980, o paradigma construtivista chega propondo um novo entendimento para o processo de alfabetização. Enquanto no método sintético, esperava-se que a criança aprendesse a escrever para então registrar textos. No construtivismo, a criança era convidada a escrever de forma espontânea e de maneira autônoma e construía seus conceitos de aprendizagens para se apropriar do sistema alfabético. No mesmo período, surge o termo letramento que se associava à alfabetização para pensar nessa aprendizagem que vai

além do registro escrito, mas de formar o aluno de forma abrangente, pensando também nas práticas sociais envolvidas na aprendizagem do ler e do escrever.

> Uma alfabetização bem sucedida não depende de um método, ou, genericamente de métodos, mas é construída por aqueles/aquelas que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, e com base neles desenvolvem atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança (Soares, 2018, p. 333).

Partimos da concepção de que para alfabetizar, não existe apenas um método, mas que para eleger um caminho para alfabetizar, é importante conhecer o processo e as particularidades de cada aprendente, respeitando os variados ritmos de aprendizagem. É fundamental uma aprendizagem efetiva e de qualidade no processo de alfabetização para promover um desenvolvimento humano consciente (Dangió; Martins, 2018).

Maria Albuquerque, mesmo vivendo em situação de vulnerabilidade social, sem uma alimentação adequada, conseguiu alfabetizar-se. *"[...] eu ficava encantada de ter aprendido a ler e escrever [...]"* (Silva, 2025). O analfabetismo, preponderante nas classes menos favorecidas, social e economicamente, é resultante da divisão das classes sociais e dos privilégios que a elite alcança. As famílias letradas, que acessam com frequência a literatura infantil, facilitam o aprendizado da leitura para seus filhos. Não acontece o mesmo com as famílias iletradas (Dangió; Martins, 2018):

> **Silva**: *[...] se eles não se alfabetizarem as crianças da classe trabalhadora, ninguém vai se preocupar com isso, não são as elites que vão se incomodar com essa realidade, porque para ela quanto mais ignorantes nós estivermos, melhor ainda.*

Foi com essa consciência de classe que nossa biografada, aluna de escola pública, durante toda a sua vida estudantil, foi crescendo e utilizando a escola e as diversas aprendizagens que adquiria como força para continuar lutando por si e pelos seus.

> [...] um professor "não pensa somente com a cabeça", mas "com a vida", com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, em termos de lastros de certezas. Em suma, ele pensa a partir de sua história de vida não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal (Tardif, 2014 p. 103).

Em consonância com o autor, a vida de Maria Albuquerque, enquanto professora de universidade, retrata esse indivíduo que aprendeu a importância de respeitar seus alunos reconhecendo o potencial que cada um pode ter e/ou desenvolver por meio da educação.

Mesmo vivendo uma vida precária e sem estudo formal, a mãe de Maria Albuquerque incentiva a seguir a vida acadêmica: *"Filha, estuda [...] para não ter a vida que eu tenho [...]*" (Silva, 2025), assim sendo, seguindo os conselhos da mãe ou agarrando-se aos estudos como forma de sobreviver à dura realidade, ela, de alguma maneira, sabia que os estudos poderiam delinear o seu futuro para romper com o ciclo de sofrimento e subserviência que marcava a sua família. *"[...] eu olho para a escola como uma janela que se abre e você olha para o sol" (Silva, 2025).* Foi a primeira da família a chegar ao nível superior e trilhou um caminho permeado por desafios para conquistar esse lugar de pioneirismo.

> No entanto, me recuso com todo o meu ser essa amputação. Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido (Fanon, 2020, p. 27).

Desde o início da sua escolaridade, quando ainda usava os caderninhos costurados pela sua mãe com os papéis que embrulhavam o pão, até o seu doutoramento sempre em instituições públicas, destacava-se como aluna. Maria Albuquerque agiu com força e determinação para conseguir romper com a história imposta às mulheres da sua família. Para as mulheres negras, é esperado que se curvem diante da imposição de uma sociedade racista e misógina para que sejam humildes e pacíficas. Ela recusou essa amputação dos seus sonhos, conseguiu-se expandir e alcançar seus objetivos.

Prestes a concluir o ensino médio, engravidou do seu primeiro namorado, a família dele o colocou num avião e o mandou para Manaus para não assumir a responsabilidade com a criança. Sua mãe, por sua vez, a expulsou de casa e, por essa razão, viu-se obrigada a passar temporadas na casa das amigas por não ter um lugar para morar. Sua única alimentação diária durante a gravidez era um kiwi com suco de caju que a sua mãe autorizara ao senhor da barraca de lanches oferecer. Sentia-se sozinha e abandonada pelos amigos e familiares e decidiu que tão logo concluísse o ensino médio iria sair da cidade onde morava.

No dia 28 de maio de 1986, nasceu, em Tarauacá, no Acre, o primogênito de Maria Albuquerque. Segundo ela, aquele foi o dia mais triste de sua vida, pois não possuía condições financeiras para permanecer com o filho. A avó paterna comprometeu-se a cuidar

da criança até que a biografada pudesse sustentá-lo. Em 1988, após concluir o ensino médio, ela conseguiu uma carona em um avião militar com destino a Rio Branco, capital do Estado, onde pretendia realizar o sonho de ingressar no ensino superior.

Ao chegar na capital do Acre, foi inicialmente trabalhar como empregada doméstica e, depois de ser assediada pelo seu patrão, saiu do emprego. Posteriormente, assumiu a função de recepcionista na empresa Floresta Engenharia. Ficou na empresa até 1989, ao ser aprovada no vestibular num curso vespertino de Pedagogia. Conseguiu a dispensa do aluguel do quartinho onde morava por alguns meses porque a proprietária reconheceu o seu esforço para estudar. Embora preocupada com sua situação financeira, sabia que não poderia perder a oportunidade de estudar na Universidade Federal do Acre (UFAC) e concretizar o sonho de um dia voltar para pegar o seu filho.

Passou em segundo lugar num concurso para exercer a função de servente. Na escola, fazia a limpeza das salas e dos banheiros. Nesse ínterim, iniciou sua militância em movimento estudantil e em partido político de esquerda. Presidiu o Diretório Central dos Estudantes-DCE da UFAC entre 1989 e 1992, período referente a sua graduação em pedagogia e teve a oportunidade de viajar para vários estados brasileiros. Logo após se formar, no ano de 1994 passou num concurso público para professora, afastou-se durante quatro anos para assumir um cargo político e depois retornou para assumir uma sala de aula.

Tão logo conseguiu uma remuneração fixa, voltou para pegar seu filho e comprar uma casa de alvenaria para sua mãe ter minimamente um lugar melhor para viver durante a sua velhice. A relação com o filho que já estava com 6 anos de idade e não sabia da sua existência foi difícil, ele não compreendia o fato de ter sido deixado com a avó. “[...] a população negra é colocada como grupo perdedor, culpabilizada por suas condições de subalternidade política, econômica, educacional e social [...]” (Bento, 2022, p. 121).

Essa trajetória, fruto de uma herança de desigualdades sociais, que marcaram a família de Maria Albuquerque, a obrigou em dado momento a decidir entre se formar e conquistar uma vida melhor para os seus ou ficar e cuidar do filho. Sem emprego e sem perspectiva de crescimento, numa cidade onde se oferecia apenas subempregos e não tinha oferta de educação superior decidiu continuar seus estudos. Para a mulher, escolher o crescimento acadêmico e profissional não era comum principalmente na cidade interiorana onde vivia. Segundo Bento (2022), a maior fonte de renda das mulheres negras com perfil de baixa escolaridade e de origem familiar de baixa renda está no trabalho doméstico. A biografada

decidiu romper esse paradigma de subalternidade onde impera uma forte desigualdade de raça e gênero.

Na década de 1990, casou-se e construiu um relacionamento de 25 anos, do qual nasceram mais dois filhos, hoje com 23 e 29 anos. Atualmente, como professora da UFC, segue na defesa da escola pública e da universidade para os filhos da classe trabalhadora, afirmando: *"A luta pela sobrevivência, muitas vezes, é instintiva. Você faz o que é certo, mas você não pensa sobre isso. [...] Eu acredito muito na força da educação"* (Silva, 2025). Nesse sentido, baseada na própria narrativa de vida, considera que alfabetizar uma criança na escola pública constitui uma ação revolucionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da escrita do artigo, que se deu por meio da biografia de Maria Albuquerque, a força da educação esteve presente em vários momentos desde a infância até a vida adulta. Em inúmeros contextos, foi a esperança na educação que a fez superar-se quando parecia que não havia saída. Esperamos, ao concluir essa escrita que traça a trajetória ímpar de um sujeito histórico que se insere em várias categorias: filha, mãe, mulher, esposa, negra, periférica, professora e militante política, ter discutido mesmo que de maneira parcial, cada uma delas.

Propomo-nos, no decorrer da escrita, compreender como Maria Albuquerque tornou-se professora universitária militante na luta docente. Para tanto, objetivamos explanar por meio da trajetória biográfica da professora Maria José Albuquerque da Silva, sua militância docente sob a perspectiva da luta de classes. A fim de alcançar os propósitos na pesquisa aqui exposta, utilizamos como metodologia a história oral em que, por intermédio da entrevista gravada, transcrita e textualizada e de outras fontes como as documentais e as bibliográficas, refletimos sobre a história familiar, pessoal e profissional da biografada.

Esperamos ter suscitado o interesse de outros pesquisadores que necessitem apoiar-se na temática aqui abordada no sentido de ampliar, complementar ou refutar as discussões traçadas ao longo da escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Unesp, 1998.

ANTONELLI, Diego. Soldados da borracha: os escravos do século 20 em plena 2ª Guerra Mundial. **Gazeta do Povo**. 19 fev. 2016. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/soldados-da-borracha-os-escravos-do-seculo-20-em-plena-2-guerra-mundial-799hvh20tv0frus80eda1ftxf/ Acesso em: 21 ago. 2025.

BARROS, José D'Assunção. História cultural e história das idéias: diálogos historiográficos. **Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 21, p. 259-286, 2005. Disponível em: https://journals.openedition.org/cultura/3353. Acesso em: 21 ago. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico**: contribuições didáticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

DOSSE, François. A biografia posta à prova da identidade narrativa. **Esferas,** ano 12, v. 3, n. 25, setembro-dezembro de 2022. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14182/11332. Acesso em: 20.ago.2025.

GOMES, Kamilla Amora; Almeida, Dória Karenina Castro de. Avaliação emancipatória: o trabalho educativo e a formação omnilateral escolar na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. In: Francisco Glauber de Oliveira Paulino *et al.* (Orgs.). **Educação e luta de classes:** formação humana e perspectivas necessárias. Iguatu: Quapá Editora, 2024, v. 1, p. 15-145.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; DÍAZ, José María Hernández; FREIRE, Vitória Chérida Costa. História da Educação na biografia da transexual José Honorato Batista Neta. **Foro de Educação**, v. 19, n. 2, julho-dezembro, 2021, p. 289-293. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8251189.pdf. Acesso em: 20 ago.2025.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. Biografia e história da formação de mulheres educadoras [recurso eletrônico] Fortaleza: EdUECE**,** 2023. In*:* NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Prefácio**. Disponível em: https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2023/11/Biografia-e-hist%C3%B3rias-da-forma%C3%A7%C3%A3o-de-mulheres-educadoras.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuad, Alfabetização e Diversidade-Brasília: Ministério da Educação, 2005. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed., 11. reimp. São Paulo: Contexto, 2023.

REIS, José Carlos. Tempo, História e compreensão narrativa em Paul Ricoeur. **Locus**. Juiz de Fora, v. 12, p. 17-40, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20634. Acesso em: 21 ago. 2025.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Fonte oral

SILVA, Maria Albuquerque, entrevista realizada em 28 de maio de 2025.

Histórico Editorial
Submetido: 24 de novembro de 2025.
Publicado: 11 de novembro de 2026.

Minicurrículo

Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Uece (PPGE/UECE). Mestra em Educação (PPGE/UECE). Professora da Rede Municipal de Fortaleza (SME).
Grupo de Pesquisa: Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO).
Contribuição de autoria: Entrevista com a biografada e escrita do texto.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1214994729048734.

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Uece (PPGE/UECE). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora efetiva da Rede Municipal de Fortaleza (SME).
Grupo de Pesquisa: Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO).
Contribuição de autoria: Escrita do texto.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1414461790952928.

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutora pela Universidad de Cádiz (UCA). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE). Líder do grupo de estudo Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO).
Contribuição de autoria: Orientação e correção do texto.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4614894191113114.

COMO REFERENCIAR - ABNT
ALVES, Aurinete Nogueira; ALMEIDA, Dória Karenina Castro de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Biografia de Maria José Albuquerque da Silva: militância e formação docente. **Revista Exitus,** Santarém/PA, v. 16, e026044, p. 1-17, Jan./Dez., 2026. https://doi.org/10.24065/re.v16i1.2978

COMO REFERENCIAR - APA
Alves, A. N., Almeida, D. K. C. de & Fialho, L. M. F. (2026). Biografia de Maria José Albuquerque da Silva: militância e formação docente. *Revista Exitus, 16*, e026044, p. 1-17. https://doi.org/10.24065/re.v16i1.2978

Licença de Uso
Licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.